

LINGUAGEM E CORPO: DISCURSIVIDADES NAS FEIRAS LIVRES AMBULANTES

Carla Luzia C. Borges
Adriana Reis

Universidade Estadual de Feira de Santana/ Universidade do Estado da Bahia

Resumo: Este trabalho aborda a discursividade que se exprime nas fotografias das feiras ambulantes da cidade de Feira de Santana/BA, num gesto de interpretação das trajetórias dos feirantes pela cidade, bem como dos espaços nos quais estes ambulantes fazem suas paradas para vender, num movimento de diáspora e permanência, em busca de espaço para vender, considerando que as condições da sociedade forcem para que este movimento aconteça. Para compreender esta posição diáspórica do sujeito feirante ambulante, na qual a linguagem exerce papel singular por sua natureza discursiva, dialogaremos com as noções de corpo/espaço em Foucault (1977) e de diáspora, em Hall (2003). O objetivo é descrever os modos como o corpo/o espaço se apresenta para vender, suas formas de organização e de planejamento do fazer feiras cotidiano, destacando caminhadas pelas cidades, em suas festas, vaquejadas, carnavais, os modos de ler e de referenciar tudo isso, tendo a linguagem como elemento da cultura que possibilita estas práticas de venda como produção de conhecimento cotidiano.

Palavras-chave: Fotografias; corpo; espaço; cotidiano.

Résumé: Langue et du corps: discours foires dans les marches libres. Dans cet article nous analysons la discursivité qui s'exprime dans des photographies des marchés libres de la ville de Feira de Santana (Bahia), à partir de l'interprétation des trajectoires des marchands par la ville et des espaces dans lesquels ces marchands s'arrêtent pour vendre, dans un mouvement de diaspora et d'établissement, à la recherche d'un espace pour vendre. Nous considérons aussi que les conditions de la société font de la pression pour que ce mouvement se réalise. Pour comprendre cette position diasporique du sujet marchand, dans laquelle le langage a un rôle singulier à cause de sa nature discursive, nous proposons un dialogue avec les notions de corps/espace de Foucault (1977) et de diaspora, de Hall (2003). Nous avons pour but décrire comment le corps/l'espace se présente pour vendre, ses formes d'organisation et de planification du faire marché quotidien, en soulignant les promenades par les villes, les fêtes, les carnivals, les modes de lire et de référer tout cela, en prenant le langage comme élément de la culture qui permet ces pratiques de vendre comme production de la connaissance quotidienne.

Mots-clés: Photographies; corp; espace; quotidien.

Introdução

Considerando que os sujeitos são marcados por identidades diversas, que se aglutinam e se distanciam conforme suas andanças e seus modos de praticar no mundo, tomamos o feirante ambulante, no espaço das feiras livres em Feira de Santana, Bahia, para entender como seu corpo, um espaço de leitura em diáspora, mobiliza-se e é mobilizado por discursividades. Quais as “suas falas”, “seus cantos” e “seus lugares” de venda? Em que espaços, figurações, seu corpo se presentifica e se mobiliza? Que verdades/histórias se repetem? Que verdades o alimentam? Quais os “seus modos” de ler/referenciar o mundo, as pessoas, os caminhos percorridos? E que relações de poder se constituem nesse espaço em trânsito?

O objetivo é abordar a discursividade que se exprime nas fotografias das feiras ambulantes, num gesto de interpretação das trajetórias dos feirantes pela(s) cidade(s), num movimento de saída em busca de espaço para vender, considerando que as condições da sociedade forçam para que este movimento aconteça. A identidade do ambulante é diaspórica, não somente porque é forçado a sair de “seu lugar de origem” em busca de um crédito social no mercado que o sufoca, fechando suas portas, mas acima de tudo porque possibilita o confronto com a diferença (différence para Derrida, 2003).

O ambulante, muitas vezes, é visto como incômodo nas calçadas e frentes de lojas comerciais, escolas e igrejas. É visto como diferente, mas não é respeitado nesta diferença. É um ser em busca, atravessando espaços muitas vezes proibidos.

Para compreender esta posição diaspórica do sujeito feirante ambulante, na qual a linguagem exerce papel singular por sua natureza discursiva, dialogaremos com as noções de corpo/espaço em Foucault (1977) e de diáspora, em Hall (2003). O objetivo é descrever os modos como o corpo/o espaço se apresenta para vender, suas formas de organização e de planejamento do fazer feiras cotidiano, destacando as caminhadas pelas cidades, em suas festas, vaquejadas, carnavais, os modos de ler e de referenciar tudo isso, tendo a linguagem como elemento da cultura que possibilita estas práticas de

venda como produção de conhecimento cotidiano. Descrever a presença do corpo em feiras-livres ambulantes de Feira de Santana, especialmente, as que circundam igrejas, moradias e escolas, com ênfase na figura híbrida de seus feirantes, de suas mercadorias e de seus modos de vender. Para isso, apresentaremos imagens destes espaços e algumas caracterizações de feirantes, com suas mercadorias, e de seus compradores, discorrendo sobre suas táticas de ocupação destes espaços e sobre as resistências que encontram e que a elas se submetem.

As fotos são do acervo em construção do projeto, tiradas no centro da cidade de Feira de Santana, de modo a registrar o cenário cotidiano que se exprime pela justaposição de corpos e de casas comerciais. Que saberes/poderes acusam nas relações em sociedade e suas ordens discursivas? Foucault (1999, p. 12) provoca uma discussão bastante importante para este estudo:

(...) Por "saberes sujeitados", eu entendo igualmente toda uma série de saberes que estavam desqualificados como saberes não conceituais, como saberes insuficientemente elaborados: saberes ingênuos, saberes hierarquicamente inferiores, saberes abaixo do nível do conhecimento ou da cientificidade requeridos. E foi pelo reaparecimento desses saberes de baixo, desses saberes não qualificados, desses saberes desqualificados mesmo, foi pelo reaparecimento desses saberes: o do psiquiatrizado, o do doente, o do enfermeiro, o do médico, mas paralelo e marginal em comparação com o saber médico, o saber do delinquente, etc. - esse saber que denominarei, se quiserem, o "saber das pessoas" (e que não é de modo algum um saber comum, um bom senso, mas, ao contrário, um saber particular, um saber local, regional, um saber diferencial, incapaz de unanimidade e que deve sua forma apenas à contundência que opõe a todos aqueles que o rodeiam) (...)

Essa visão de um saber das pessoas, que se diferencia do saber das ciências, objeto das pesquisas, provoca nosso olhar para os saberes construídos nas feiras, nas calçadas, nas passagens, nos becos de uma cidade que

caminha na direção de um mercado cada vez mais inserido na lógica capitalista.

Nesse panorama de questões e de saberes comuns às pessoas que passam e aos espaços eleitos para o fazer feiras, o corpo também pode ser lido, denunciando aproximações e distanciamentos dos saberes e dos poderes que constituem as relações entre os feirantes e os demais comerciantes da cidade. Procuramos descrever como o corpo do feirante ambulante está posicionado diante daqueles que já estão fixados nas lojas e reclamam daqueles que “atrapalham” o acesso aos seus estabelecimentos; como acolhem e conquistam seus clientes nas passagens apressadas; em que condições competem, em seus saberes e discursos de venda, com aqueles dos mercados globalizados e já fixados em bases hegemônicas. O cenário a seguir evidencia esse confronto.



Figura 1

O espaço do corpo ambulante (sabendo que todo corpo ambula, mas esse se difere pela posição discursiva ocupada) é o espaço do entrelugar das feiras de Feira de Santana. Observando a foto, fica visível como os vendedores e suas mercadorias espalham-se nas calçadas, tomando posições também da ordem dos discursos que se imbricam em suas relações de poder. Acusam saberes sobre o tipo e a organização das mercadorias, que se espalham conforme sua natureza e interesses dos transeuntes. Os ambulantes chegam perto das pessoas, são vendedores e padrões ao mesmo tempo. Decidem pelos preços, por ajustes de valores, por promoções. Explicam as características dos produtos, sua

funcionalidade e serventia para a vida cotidiana. Pessoas e calçados misturam-se e concorrem no mesmo espaço. E esses saberes são ditos verbalmente, mas em conjunto com o corpo que se faz linguagem, aproximando-se, apontando, gesticulando, encenando, experimentando, empoderando.

Para falar das feiras, é necessário tratar da relação que se estabelece entre os sujeitos, seus saberes e poderes constituídos e em constituição nestes espaços heterogêneos e de passagens. Isso implica considerar a posição-sujeito, sabendo que há sempre uma interrelação constitutiva entre sujeito – discurso – poder. Foucault traz o método genealógico como uma analítica, também histórica, voltada para a abordagem de um dispositivo de poder que produz efeito sobre os sujeitos.

O dispositivo, portanto, está sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem, mas que igualmente o condicionam. É isto, o dispositivo: estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles (FOUCAULT, 1979, p. 246).

No contexto das feiras, o dispositivo são as estratégias da sociedade que sustentam determinados saberes sobre os modos de vender como ideais e legítimos para o bem da economia da cidade e que sustentem conhecimentos específicos e próprios de grupos detentores de poder.

O feirante ambulante, suas identidades e saberes: descrevendo o corpo em trânsito

Hall (2006:26-27) ressalta o seguinte sobre a constituição das identidades: “(...) Na situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas”. Exatamente pela situação de confronto das diferenças, as identidades vão se constituindo sempre na posição de meio, de hífen, multifacetada, heterogênea, escorregadia. Sobre a diáspora, Hall esclarece:

O conceito fechado de diáspora se apóia sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um “Outro” e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora. Porém as configurações sincretizadas da indetidade cultural caribenha requerem a noção derridiana de *différance* – uma diferença que não funciona através de binarismos, fronteiras veladas que não separem finalmente, mas são também places de passage, e significados que são posicionais e relacionais, sempre em deslize ao longo de um espectro sem começo nem fim (HALL, 2006, p. 32-33).

A diáspora, portanto, é vista como espaço de significados que não são únicos, fixos, rígidos, mas que variam conforme sua posição, em relação ao Outro. O ambulante é aquele, então, que está sempre de passagem, em deslize pelas cidades. Nestes meios de caminho, o feirante que ambula, lê e interpreta mundos, pessoas, constrói representações, submete-se a estratégias e as enfrenta, usando táticas diversas (DE CERTEAU, 2008).

Faz-se pertinente reparar no carro de pirulitos (na foto a seguir), que passa diante de outros feirantes também ambulantes, mas que se concentram regularmente nesse espaço. É um corpo que passa, mas que parece suplantar a imagem daqueles que talvez se oponham pela presença aparentemente estável dos demais ambulantes que se colocam numa posição de quem tem a posse de um espaço de venda. O corpo do vendedor de pirulitos é um corpo que se esconde por trás da mercadoria que parece ter mais importância e concorrer com o corpo que anda e a sustenta, ou é sustentado por ela. Corpo e mercadoria parecem se fundir. Há hegemonia de um sobre o outro? Qual a ordem desses discursos e como essa ordem se organiza na sociedade?

Corpo e mercadoria assumem posições, não são de um indivíduo apenas, acusam uma relação venda/produto, numa cultura específica. Em determinado contexto histórico, o poder do comércio institucionalizado pode ser entendido como uma matriz de forças. O parâmetro para essa análise é a proposta foucaultiana de debruçar-

se sobre uma sociedade determinada, em um momento histórico específico, levando em conta operações peculiares de disciplina e vigilância realizadas no interior de uma instituição específica. Será feito contraponto com os ambulantes que, dentro dessa matriz de forças, insistem em ocupar espaços que o comércio não aceita, mas que a sociedade feirense, já advinda de um histórico de feiras, por ter uma origem predominantemente rural, legitima.



Figura 2

Na imagem acima, há ambulantes nas calçadas, em segundo plano, vendendo tapioca e seus derivados. No primeiro plano, passa um carrinho de pirulitos. Os modos de usar o espaço urbano para vender variam, assim como os modos de apresentação do corpo diante do outro que passa. Destaca-se a condição de venda do vendedor que não tem um espaço eleito para realização do seu ofício, em contraposição com a alegria das cores do que expõe como mercadoria. São contradições do seu trabalho que, possivelmente, deve atingir uma população infantil, muito atraída pelo seu produto.

Modos de vender em Feira de Santana: uma leitura de como o corpo funciona nas feiras ambulantes

Tomamos como prática de venda ambulante, as atividades praticadas por vários vendedores da cidade, que se fixam ou não em determinados pontos da cidade, a exemplo das calçadas de lojas, de repartições públicas, de igrejas e escolas, também em esquinas e pontos de ônibus.



Figura 3

De um lado, o vendedor ambulante, seus gestos e chamados, de outro, muitas vezes, uma figura “carnavalesca”, com microfone nas mãos, chamando para entrar na loja e conferir suas promoções. Nesse caso, há uma concorrência de espaços, pois além daqueles que não têm um espaço legitimado de venda, as lojas colocam funcionários temporários nas calçadas em períodos especiais para atrair clientes.

Podemos perceber a apropriação de uma técnica de venda que, apesar de ser repudiada pelas lojas, diante da concorrência, já faz parte do perfil comercial da cidade de Feira de Santana, logo sendo copiada com o intuito de chamar a atenção do cliente. Porém, a demarcação de espaço dá-se pelo vendedor que chama e oferece um artigo de melhor qualidade porque esta mercadoria está no espaço designado como de poder, que é a loja física, possuidora de espaço oficial de venda.

Há, nesse cotidiano, um embate de saberes, o acoplamento de conhecimentos do mundo já legitimados, de saberes sobre venda com conhecimentos do mundo já praticados e reconhecidos como os saberes singulares dos feirantes de rua. Esse acoplamento de conhecimentos permite a constituição de uma história e de uma cultura em Feira de Santana.

O exercício do poder somente é possível quando são considerados os fundamentos da condição existencial das partes, claro que considerada em sua posição discursiva. Pensar o poder desta maneira não é somente

defini-lo como instrumento das relações humanas, mas também uma ação da ordem do pedagógico, pois, como ninguém nasce com plena consciência do poder que tem, nas relações humanas os que têm maior consciência da verdadeira realidade do poder “devem” ajudar os outros a adquiri-la. Assim, as relações humanas não se desenvolvem no âmbito da irracionalidade, mas dentro de um processo constante de formação.

O poder, dessa forma, não pode ser pensado a partir da ideia de posse, mas a partir da noção de exercício ou funcionamento. A relação estabelecida seria, de um lado, o exercício, do outro, a resistência. Mais apropriado seria, ainda, pensar o tema do poder como uma relação de propriedade ou posse de um lado, e destituição, de outro.

Chamemos, se quiserem, de “genealogia” o acoplamento dos conhecimentos eruditos e das memórias locais, acoplamento que permite a constituição de um saber histórico das lutas e a utilização desse saber nas táticas atuais. Será essa, portanto, a definição provisória dessas genealogias que tentei fazer com vocês no decorrer dos últimos anos (FOUCAULT, 1999:13).

A análise do poder como prática social, historicamente constituída, e as múltiplas formas de exercício do mesmo na sociedade podem ser pensadas a partir da imagem que segue: na calçada, diante de lojas já estabelecidas, os ambulantes se instalam, organizando seu lugar social diante de um mercado em crescimento e em exercício de poder cotidiano. Os pertences como vassouras, garrafas de água, bancos, tabuleiros são indícios de um espaço desenhado como próprio ainda que a céu aberto e diante de estabelecimentos comerciais já fixados.



Figura 4

Mais do que responder à pergunta “o que é o poder?”, a partir dessa prática de venda em sua constituição discursiva, está a necessidade de entender o espaço da feira como lugar onde o corpo em diáspora lida com um poder também em trânsito. Se há na cidade um espaço para o mercado formal, instituído, há um espaço em paralelo, numa extremidade não reconhecida em seu fazer, mas que surge como instauradora de um lugar social e de uma prática que se impõe discursivamente como mercado ambulante.

Considerações finais

Esse trabalho foi, na verdade, um exercício bem incipiente de pensar as práticas discursivas cotidianas a partir das imagens de feiras ambulantes, as quais ora parecem lutar por fixar-se no espaço fluido, numa disputa de espaços que se impõe a esse movimento do corpo pelas ruas, estruturas em trânsito, em sua representação mais original, ora parecem afinar-se à fixidez dessas mesmas estruturas, parecendo uma busca por poder em trânsito nesse entrelugar social e discursivo. As ruas, em toda história, constituem-se em espaço de leituras e de práticas discursivas, são espaço de movimentação e de instituição de saberes e de poderes.

Para Foucault, é mais importante indagar: [...] quais são, em sem seus mecanismos, em seus efeitos, em suas relações, os diversos mecanismos de poder que se exercem a níveis diferentes da sociedade, em domínios e com extensões tão variados? [...] a análise do poder ou dos poderes pode ser, de uma maneira ou de outra, deduzida da economia? (FOUCAULT, 2006, p.174).

As concepções marxistas, ou certas concepções que passam como sendo representativas do pensamento de Karl Marx, e jurídicas (representativas do pensamento liberal) a respeito da teoria do poder, tinham em comum uma forte ligação com a questão econômica, o que Foucault chamou de “economicismo” na teoria do poder. Para Foucault (2006, p.174), na teoria clássica jurídica, o poder era considerado: “como um direito de que se seria possuidor como de um bem e que se poderia, por conseguinte, transferir ou alienar, total ou parcialmente, por um ato jurídico ou um ato fundador de direito, que seria da ordem da cessão ou do contrato”. A concepção marxista, segundo o autor, trata da funcionalidade econômica do poder. O poder teria essencialmente o papel de manter e reproduzir as condições básicas à produção material e à dominação de classe (FOUCAULT, 2006, p. 175-177).

Foi a partir das discussões que colocavam o poder somente ao nível econômico e das alternativas que associavam o conceito à repressão ou à guerra, que Foucault começou a delinear uma nova forma de pensar o poder. Para chegar a essa “nova economia das relações de poder” (FOUCAULT, 2013, p. 275), o autor abandona alguns postulados que, em sua época, influenciavam a posição tradicional da esquerda e que de certa forma pareciam ser as únicas formas para se pensar a temática do poder (DELEUZE, 1992).

Foucault sustenta-se na visão de um poder que é analisado em suas extremidades, onde atinge as suas micro-relações. Nesse estudo, a opção foi eleger um espaço não consagrado ao centro de manifestação do poder, mas “estudar o poder em sua face externa onde ele se relaciona direta e imediatamente com aquilo que podemos chamar provisoriamente de seu objeto, seu alvo ou campo de aplicação quer dizer, onde ele se implanta e produz efeitos reais” (FOUCAULT, 2007, p. 185).

Referências

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano 1: Artes de fazer**. 14 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

DELEUZE, Gilles. *Post-Scriptum* sobre as sociedades de controle. In: DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: 34, 1992. p. 219-226.

DERRIDA, Jacques. *La différence*. In **Marges de la Philosophie**. Paris: Les Editions de Minuit: Collection Critique, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder** (1979). Organização e tradução de Roberto Machado. 23. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1977.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Ditos e escritos IV: estratégia, poder-saber**. Org. Manoel Barros da Mota. Trad. Vera Lúcia A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. São Paulo: DP&A, 2006.

Recebido em: 11 de agosto de 2015.

Aceito em: 13 de novembro de 2013.